

Da Silva Campos, Sebastião Lindoberg

A literatura e a teologia em diálogo o conceito de amor n'o Evangelho segundo Jesus Cristo

VI Congreso Internacional de Literatura, Estética y Teología
“El amado en el amante : figuras, textos y estilos del amor hecho historia”
Facultad de Filosofía y Letras y Facultad de Teología – UCA
Asociación Latinoamericana de Literatura y Teología

Este documento está disponible en la Biblioteca Digital de la Universidad Católica Argentina, repositorio institucional desarrollado por la Biblioteca Central “San Benito Abad”. Su objetivo es difundir y preservar la producción intelectual de la Institución.

La Biblioteca posee la autorización del autor para su divulgación en línea.

Cómo citar el documento:

Da Silva Campos, Sebastião L. “A literatura e a teologia em diálogo o conceito de amor n'o Evangelho segundo Jesus Cristo ” [en línea]. Congreso Internacional de Literatura, Estética y Teología “El amado en el amante : figuras, textos y estilos del amor hecho historia”, VI, 17-19 mayo 2016. Universidad Católica Argentina. Facultad de Filosofía y Letras. Facultad de Teología ; Asociación Latinoamericana de Literatura y Teología, Buenos Aires. Disponible en: <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/ponencias/literatura-teologia-dialogo-conceito-amor.pdf> [Fecha de consulta:]

A LITERATURA E A TEOLOGIA EM DIÁLOGO
O CONCEITO DE AMOR N' O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO

Sebastião Lindoberg da Silva Campos (PUC-Rio)

Se nos propuséssemos a investigar, no contexto da cultura ocidental, qual o conceito de amor, a quais respostas chegaríamos? Qual saber, ciência ou afeto humano nos permitiria ter um panorama mais fiel daquilo que entendemos por amor ao longo dos séculos? Qual perspectiva nos apresentaria um panorama mais condizente com a realidade humana? Nesta seara, a literatura e a teologia possivelmente nos apresentariam amplos retratos, dado seus estatutos que desde a origem acompanham e sondam o homem.

No entanto, os panoramas traçados por ambas nem sempre coincidiriam, e até mesmo apresentaram possibilidades conflitantes, impressas tanto pelo caráter estabelecido na teologia de ciência do rigor analítico e que permite, em certo grau de confiabilidade, perscrutar a “essência” do ser e sua relação com o divino, alcançando assim uma resposta final, quanto pelo lugar de saneamento infligido à literatura quando expressa essa relação numa forma livre e “descompromissada”, subjetiva, aproximando-se, no máximo, de apresentar uma imagem deturpada daquilo que se relaciona ao homem.

Se ainda fôssemos além e introduzíssemos, nesta busca, a perspectiva de uma ficção cética, isto é, de uma literatura que ao voltar-se para investigação humana põe todas as verdades estabelecidas em suspeita, possivelmente um impasse estaria instalado na sua relação de diálogo com a teologia por esta considerar aquela incapaz de obter uma resposta ao homem, justamente por suspender todas as possibilidades, não oferecendo uma resposta final que possa ser julgada. À literatura não importa ou interessa obter um resultado, porque reconhece a sua própria incapacidade. Incapacidade essa não apenas interna a si, mas a qualquer outro sistema.

Qual seria então, na relação entre teologia e ficção cética, o retrato ou o conceito primeiro e último do amor? Se iniciássemos nossa reflexão desde o modelo de amor sacralizado no seio do cristianismo, possivelmente encontraríamos ecos destoantes, que questionam aquela imagem

sedimentada na máxima joanina, *Deus caritas est*, representada na morte de cruz. Tomando como ponto de partida o escritor lusitano José Saramago, perceberemos que seu escrito evangelístico, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, nos fornece um caminho interessante nessa relação no qual a ficção cética se irrompe contra um modelo, uma concepção sacralizada, salienta suas caricaturas e nos fornece uma outra possibilidade, que não a hegemônica; e ainda indica um papel heurístico da literatura.

Ao rejeitar o caráter do regime ético da literatura no cristianismo, herança da operação de cerceamento protagonizado por Platão, o evangelho saramaguiano opera no campo de uma literatura que questiona o conceito joanino do *Deus caritas est*, justamente porque dentro do seio cristão a máxima joanina não é meramente estética, é, como afirmou o teólogo alemão Joseph Ratzinger, já imbuído do ministério petrino em sua primeira encíclica, “a fonte originária de todo o ser; (...) este princípio criador de todas as coisas – o *Logos*, a razão primordial – é, ao mesmo tempo, um amante com toda paixão de um verdadeiro amor” (BENTO XVI 22).

A imagem do Deus cristão fundamentado na razão, possivelmente é o grande alvo de José Saramago ao conceber *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, mais ainda, essa simbiose operada entre o conceito de amor e a “essência” de Deus. Não conformado com essa relação operada no seio do cristianismo, o escritor lusitano tenta mostrar o caráter inumano de um Deus que se apraz com as guerras e sacrifícios: “é preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue” (Saramago, *O evangelho* 237), distante da concepção de um deus amoroso. Quando Saramago afirma: “o meu diabo diz ‘é preciso ser-se Deus para se gostar tanto de sangue’, o que soa como um soco no estômago” (Saramago, *As palavras* 120) traz implícita nessa assertiva a própria concepção inversa daquilo que para Ratzinger é o cerne da vivência cristã, o amor. Utilizando-se da literatura enquanto campo de apropriação do conhecimento humano, como questionadora de todas as outras formas de explicação e isentando-se de ser receptáculo ou fonte de uma verdade, considera que é preciso reavaliar, sob a ótica poética, essa verdade teológica, é preciso questionar o fundamento racional desse deus, cuja expressão máxima realiza-se no amor.

O evangelho questionador

Diametralmente oposta à imagem de Deus forjada no cristianismo, o escritor lusitano tenta salientar os traços caricaturais de Deus para apontar uma imagem que não coaduna com sua concepção de amor, que como se perceberá, necessita da presença do corpo. Assim, na barca, Deus revela seus propósitos expansionistas sob o signo da morte de Jesus, seu filho, que será denominado a expressão do amor maior, a gratuidade com que Deus cumula o homem em sua condição de fragilidade. Esse é o discurso oficial que se sedimentou na história. Todavia, o outro lado desse mesmo discurso não parece ser tão belo e redentor. A desconstrução ou caricaturismo de Deus é desde o princípio um questionamento que Saramago faz ao cristianismo quando este entende que o conceito de amor é “consustancial” ao de Deus. A expansão dos domínios de Deus dá-se sob o mesmo signo da morte, uma morte que não é representação do amor. “Desde há quatro mil e quatro anos que venho sendo deus dos judeus; (...) e [continuo] a ser o deus de um povo pequeníssimo que vive numa parte diminuta do mundo que [criei] com tudo o que tem em cima” (Saramago, *O evangelho* 308-09). Além de salientar a loucura da morte de cruz, como mesmo Paulo já admitira, Saramago insere mais um dado importante na relação do cristianismo. Deus, aqui, não é um deus supremo, ele está ao lado de outros deuses no panteão das religiões do mundo, é dizer, o monoteísmo só ocorre no interior do judaísmo, e a expansão religiosa, como quer o cristianismo, não se dá sob o signo do deus que age na história. Para expandir seus domínios por outros povos, Deus necessita da ação direta de Jesus porque ele é equivalente aos outros deuses. Deus e o Diabo são frutos do interior de um pensamento religioso e só têm força e poder no seio daquela sociedade que o aceitam como tal. Um embate direto entre deuses não surtiria nenhum efeito: “a prova disso tem-la no facto, em que nunca se repara, de os demônios de uma religião não poderem ter qualquer acção noutra religião, como um deus, imaginando que tivesse entrado em confronto directo com outro deus, não o pode vencer nem por ele ser vencido” (Saramago, *O evangelho* 310).

Assim, a morte de Jesus, “dolorosa, e se possível infame” (Saramago, *O evangelho* 310) tem um papel secundário na concepção desse “cristianismo saramaguiano” porque ele busca por princípio justamente a sobreposição de um deus sobre o outro mediante instrumentos e meios que não os celestes. A réplica que Jesus faz a Deus questionando essa tarefa de caráter inumano ao qual ele está designado, de tão óbvia passa despercebida nos questionamentos que se levantam contra o cristianismo: “mas com o poder que só tu tens, não seria muito mais fácil e eticamente mais limpo, ires tu próprio à conquista desses países e dessa gente [?]” (Saramago, *O evangelho* 310). Não por acaso Saramago insere no questionamento de Jesus o papel ético de Deus.

Se em Saramago, Jesus é mera marionete da sede de poder de Deus, em Ratzinger tal ato de sacrifício é “o amor na sua forma mais radical” (Bento XVI 25) porque, segundo o teólogo alemão, obriga o próprio Deus voltar-se contra si, superando sua ação no Velho Testamento. Essa ação refere-se ao encontrado no livro do profeta Oseias que apresenta uma imagem de um deus misericordioso que não pune Israel por suas faltas, concluindo que seu ato demonstra que ele é Deus e não homem; no evangelho saramaguiano há uma apresentação que lembra este episódio, nele Deus afirma: “a insatisfação, meu filho, foi posta no coração dos homens pelo Deus que os criou, falo de mim, claro está, mas essa insatisfação, como todo o mais que os fez à minha imagem e semelhança, fui eu buscá-la aonde ela estava, no meu próprio coração” (Saramago, *O evangelho* 308). Dessacralizando e revertendo a interpretação do deus que se dobra sobre si, Saramago mostra que esse ato em nada transcende a natureza de Deus, rompendo assim com a afirmação de Ratzinger de que virando-se contra si, Deus “se entrega para levantar o ser humano e salvá-lo” (Bento XVI 25), justamente porque não há de que salvá-lo, porque não há queda humana, não há erro humano, a culpa, se se quiser admitir esse conceito, é do próprio Deus. A declaração presente em Oseias (11, 8-9) é, sob a perspectiva zombeteira saramaguiana, uma declaração permeada de hipocrisia, pois, como mesmo salientou, sua condição de Deus não o difere do homem, não apenas porque este é a sua imagem e semelhança, o que por si já põe em xeque a santidade de Deus – sendo o homem

imagem de Deus, e não sendo o homem perfeito, Deus, por analogia também não é perfeito –, mas porque a ruptura da aliança protagonizada por Israel no Velho Testamento requeria a fúria de Deus, o que, por amor, não ocorre.

Revelar uma imagem caricata e desumana de Deus, entretanto, talvez não seja o maior atributo de Saramago nesse evangelho contemporâneo. Torna-se latente sua preocupação como o cristianismo se estabeleceu ao longo dos séculos e desprezou a dimensão do corpo como participante desse entendimento de amor. O corpo, no evangelho saramaguiano, tem um papel singular e contrapõe-se, por exemplo, à higienização do *eros* que Ratzinger protagoniza em sua encíclica. Ao corpo não se pode desprezar, sanear ou impor renúncias em nome de um “bem maior”. Daí que as manifestações do corpo neste evangelho ganham contornos ímpares como no encontro de José e Maria: “Deus, que está em toda parte, estava ali, mas, sendo aquilo que é, puro espírito, não podia ver como a pele de um tocava a pele do outro, como a carne dele penetrou a carne dela, criadas uma e outra para isso mesmo” (Saramago, *O evangelho* 19); e nas constantes críticas ao martírio: “[há] duas maneiras de perder-se a vida, uma pelo martírio, outra pela renúncia (...) castigando-se por terem nascido com o corpo que Deus lhe deu e sem o qual não teriam onde pôr a alma, tais tormentos não inventou este Diabo que te fala” (Saramago, *O evangelho* 324) que dão à dimensão corpórea um papel de protagonismo renegado na solidificação do modelo de cristianismo estabelecido. Desta forma, rejeitar o papel do corpo é, segundo Saramago, desprezar o humano em sua integridade.

Nos escritos dos primeiros séculos cristãos fica fortemente marcada essa prevalência do espírito sobre o corpo. No escrito intitulado *Carta a Diogneto* seu autor deixa claro essa posição, retomada pelo teólogo alemão na contemporaneidade: “os cristãos, de fato, (...) estão na carne, mas não vivem segundo a carne” (Diogneto 23), ao que complementa de forma incisiva o posicionamento de desvalorização do corpo ao utilizar uma metáfora definindo o “lugar” da alma na matéria perecível com o papel do cristão no mundo: “a alma habita no corpo, mas não procede do corpo; os cristãos habitam no mundo, mas não são do mundo. (...) A carne odeia e combate a alma, embora não tenha recebido nenhuma ofensa dela, porque esta a

impede de gozar dos prazeres” (Diogneto 23). A essa contraposição entre corpo e espírito, Saramago colocará o Diabo como arauto do primeiro numa cena emblemática numa réplica com Jesus, reafirmando o caráter estritamente humano, material e imanente desse seu evangelho:

Certifico-me de que a terra continua por baixo de mim, Não te chegam os pés para teres a certeza, Os pés não percebem nada, o conhecimento é próprio das mãos, quando tu adoras o teu Deus não é os pés que levantas para eles, mas as mãos, e contudo podias levantar qualquer parte do corpo, até o que tens entre as pernas, se não és eunuco (Saramago, *O evangelho* 195).

O Jesus saramaguiano, sobremaneira seu encontro com Maria de Magdala, não deixa de provocar o próprio cristianismo em sua essência, o amor. Se o amor “tudo suporta, não provoca revolta e realiza tudo na concórdia”, em outras palavras, se o amor é a expressão máxima do encontro entre dois seres que se doam e se entregam num mútuo respeito e colaboração, então o encontro de Jesus e Maria é simples prova desse amor.

Em oposição ao *Deus caritas est* do cristianismo que credita, nesses termos, à caridade a expressão máxima e até superação da *agape*, do *eros* e da *philia* Saramago objeta seus “mas” à semelhança do que Voltaire outrora fizera ao Otimismo de Leibniz quando da publicação de *Cândido*. Os “mas” saramaguianos estão na rejeição do mandamento cristão de amor ao próximo, fruto dessa *caritas* na qual, segundo Ratzinger, “é uma estrada para encontrar também a Deus, e que o fechar os olhos diante do próximo torna-os cegos também diante de Deus” (Bento XVI 30). O mandamento cristão do amor ao próximo, para Saramago, é impraticável, pois, para ele, “não temos a obrigação amar a todos, mas, sim, de respeitar a todos” (Saramago, *As palavras* 123).

Convergências nas divergências

Se a teologia encontra nos escritos neotestamentários a prova da mensagem evangelística, ou seja, a boa nova que é promulgada e dada aos homens através do *Deus caritas est*, é salutar

que encontremos também no evangelho saramaguiano ecos de sua concepção de amor não apenas particular, mas exatamente a sua característica universal porque é transpassada pelos afetos humanos, isto é, reconhece-se o valor do corpo nesta concepção e talvez esta seja a maior contraposição ao amor cristão entendido como elemento que, se não despreza completamente a dimensão corpórea, a subordina a uma vontade transcendente.

O valor do corpo nos escritos saramaguianos, sobremaneira do seu evangelho, distante de constituir uma reificação do ser humano, como acusa Ratzinger a todos que estão à margem da concepção cristã, é, talvez, uma das mais belas representações presentes na literatura, carregada de força poética. No momento que nos é apresentado o encontro de Jesus com Maria de Magdala, ali expressa-se o mais substancial exemplo de um amor redentor, um amor que ignora convenções e segregações sociais, que possui sua gênese verdadeiramente na gratuidade do encontro, que não impõe regras de conduta, que conhece a doação espontânea:

vendo que o sangue não dava mostra de parar (...), Jesus que estava sentado no chão, comprimindo a desatada ferida, olhou de relance a mulher que se lhe acercava, Ajuda-me, disse, e, tendo segurado a mão que ela lhe estendia, conseguiu-se pôr de pé e dar uns passos coxeando. Não estás em estado de andar, disse ela, entra, que eu trato dessa ferida (Saramago, *O evangelho* 230).

As chagas do martírio de Jesus, símbolo máximo do amor cristão, do Deus que entrega seu filho à morte como exemplo de doação, são metamorfoseadas nos machucados que arrebatam dos seus pés e são curados por Maria, ela, uma prostituta, “esta prostituta de Magdala que o curou” (Saramago, *O evangelho* 233), a mulher que na história oficial foi relegada ao esquecimento, à marginalidade, ao lugar de menoridade torna-se, no escrito saramaguiano, aquela que o ensina, que o acolhe.

Mais uma vez invertendo aquilo que Deus operara no éden, criando interditos por meio do pecado, “Não há outro paraíso, e eu responderei, Assim não foram Eva e Adão porque o Senhor lhe disse que haviam pecado” (Saramago, *História do cerco* 329), aqui, o que se exalta não é a renúncia dos corpos, não se enxerga neles a dicotomia cristã que o insere na criação decaída, que provoca a cisão entre os escolhidos e o mundo como presente na própria

concepção joanina, “não ameis o mundo nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, não está no Pai. Porque tudo o que há no mundo – a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e o orgulho da riqueza – não vem do Pai, mas do mundo” (1Jo 2, 15-16). A proposta saramaguiana, caminhando na contramão, “não és ninguém se não te quiseres a ti mesmo, não chegas a Deus se não chegares primeiro a teu corpo” (Saramago, *O evangelho* 224), requer o tratamento com o ser humano numa perspectiva totalizante, tudo compõe e é o ser humano, a primazia de um elemento ou de outro, quando ocorre, conduz à depreciação do próprio homem.

Entretanto, distante do entendimento diverso sobre a verdadeira constituição primeva do amor, o escritor lusitano e o teólogo alemão convergem seus pensamentos quando se está em reflexão a práxis, as consequências práticas desse amor. Se essa práxis, manifestada na caridade, para Ratzinger é a resposta mais concreta e prova do compromisso ético do homem ao convite de Deus, para Saramago, por meio de sua literatura, a caridade e a ética sempre será o problema último, ela deve estar acima de qualquer coisa e não estar atrelada a um caráter compensatório. Ela não é um problema da ordem do Transcendental, mas repousa aqui, no puro e simples homem.

Assim, o amor, evidentemente, é redentor em seus livros, mas um amor que se estabelece neste aqui e agora, não se lança no além, não se funda no jamais transcendente. Assim como o crânio de Adão que das profundezas da terra, no momento da crucificação, retorna ao solo e tem diante de si só o horizonte da terra, porque “isso são coisas da terra, e delas se faz a única história possível” (Saramago, *O evangelho* 13) a vida fecha-se num ciclo e se perpetua no compromisso deste e não do outro mundo. A tarefa cabe em humanizar o mundo, embora sempre paire o fantasma de um pessimismo a rondar.

Bibliografia

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1991. Impresso.

BENTO XVI, Papa. *Carta encíclica “Deus caritas est”*. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2013. Impresso.

DIOGNETO. “Cartas a Diogneto”. *Padres apologistas*. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti, tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. 5. reimpr. São Paulo: Paulus, 1995. 19-29. Impresso.

SARAMAGO, José. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Impresso.

- - -. *O evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Impresso.

- - -. *As palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas*. Fernando Gómez Aguilera (Sel. e Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Impresso.